

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE

AS OBRAS DE OSCAR BERTHOLDO*

Sara da Rosa

*Parte da monografia apresentada em agosto de 1983 para a cadeira de Literatura Brasileira, no curso de Pós-Graduação - Nível de Especialização - FAPA - Porto Alegre-RS.

Oscar Bertholdo é um poeta de ofício, aprofundando ao extremo *a consciência da importância da palavra*. É um poeta original, manuseia com relativa facilidade e correção a linguagem, o que evidencia sua segurança ao elaborar seus versos, que embora sejam livres apresentam uma visão temática e dramática do homem e do mundo.

Além da proposta temática de caráter humanista, Bertholdo preocupa-se com o pluralismo formal, não se preocupa em pesquisar novas formas, aproveita as já existentes, primando pela intertextualidade, afirmando: "O que há por trás dos poemas é muita leitura." A partir daí, concluímos que: sua poesia é portadora de um substrato que começa nos gregos e romanos, passa pela Idade Média, incorpora a carga oriental que vem da cultura bíblica, tão marcadamente viva no poeta. Talvez resida aí a dificuldade do leitor comum em captar a semântica de sua poética.

É importante observar ainda que a dificuldade de interpretação e compreensão da poética Bertholdiana, está ligada à profundidade de sua expressão ao questionar os estados de ânimos, não se atendo a emoções superficiais. Em todos os seus livros deparamo-nos com expressões de angústia, de incomunicação, de solidão e de cansaço.

ALGUMAS PASSAGENS SIGNIFICATIVAS DAS OBRAS DE OSCAR BERTHOLDO

1. MATRÍCULA

Em 1967, com a publicação de *Matrícula*, Oscar Bertholdo não escondia uma vaga tristeza, ora sem nome, ora emudecida, ora estuante mas ingênua. A antologia contida em *Matrícula* não escondeu a sinceridade de quem aceitava, com pudor, a dor. - Ser humano é sempre doloroso e bom.

Ainda em *Matrícula*, o poeta mergulha em seu interior e extravasa-o: "Aqui, o poeta faz a transfusão das coisas secretas", expressando diferentes estados de ânimo.

a) Esperança: "*Todos os dias me prolongo, sangrando em límpida esperança*", que revive e se recria no fazer poético.

b) Desgaste e cansaço: "*Tristeza é estar exausto de escrever os meus poemas*", quando a poesia é algo vital, imperioso.

c) Frustração e decepção: "Ah! sempre o vale vizinho
ao nada! Ah! Tudo igual: o bem e o mal."

No primeiro momento parece tratar-se de experiências puramente pessoais do poeta; no fundo, são emoções vividas por todo o homem moderno.

Em *Matrícula* constatamos também que Oscar Bertholdo declara-se favorável à liberdade expressional na poesia: "Aqui o direito de ser/áspero e ignorar/a sintaxe de usança", afirmação que o poeta cumpre com coerência. Subestima a lógica sintática, a começar pela quebra da sintaxe através da pausa métrica: "Semelhante a um/outono sem frutos/como fertilidade/de vulva, esta im-possuída herança"...

Uma tarefa difícil é buscar em Bertholdo nexos lógicos, o que se pode comprovar com os versos:

"Como um ventre
Consolado guardando
entre cascos
a última colheita."

Sua poética não permite uma visão do todo, mas a compreensão das partes que apresentam versos de extrema beleza, como os que seguem:

"Aqui nascem
as palavras suprimidas:
surda gestação
das formas líricas."

(em *Poema da minha verdade*)

Segundo Manoelito de Ornelas, Oscar Bertholdo é o melhor do grupo de Caxias, graças à subjetividade e criatividade evidenciados por uma linguagem que não chega a ser hermética mas que leva à reflexão e ao questionamento.

Da sua obra destaca *Primeira Canção de Muito Perto* que justifica afirmando identificar-se com o poeta e sua poética.

Na transcrição que segue da poética, concluímos que realmente a arte "Bertholdiana" é algo de original, o poeta revela-se e surpreende o leitor porque a riqueza de suas metá-

foras produzem nos espíritos uma festa de sensibilidades.

"Sou o que esconde nos olhos
um feito de menino que entenece,
tenho ternura no peito
e um delicadíssimo desejo de não sei o quê.
Todos os dias me prolongo
sangrando em límpida esperança,
tristeza é estar exausto
de escrever os meus poemas."

(Oscar Bertholdo, *Primeira Canção de Muito Perto*)

2. AS CORDAS

Em 1968, publicava *As Cordas*, e ao longo dos poemas surgia como tema sensível o vale, a terra do poeta, o horizonte de ser. E a poética adotou, então, a tarefa de corrigir a realidade ainda dócil a ela. Com uma lucidez inebriante, o sotaque de *As Cordas* exprime sempre um desejo de perfeição. Pois ninguém doma o olhar de um poeta atado às raízes, ao húmus, às imagens dialetais de quem se sente responsável da palavra não dita ainda.

Oscar Bertholdo, usando as dez cordas de sua lira, enche-nos de alegria com seus poemas editados em forma de caderno, tornando ainda mais profunda a poesia quase -inédita, quase-bíblica. Os 27 poemas, despidos completamente de qualquer apresentação, nascem rigorosamente sinceros, sem pretensão alguma. Trata-se de uma poesia longe das últimas excursões estéticas, mas fiel à fonte permanente. O sentido um tanto bíblico completa-se pelo bucólico, não o puramente vegetal ou paisagístico, pois em Bertholdo, *o bucólico é pretexto*.

O pequeno volume *As Cordas* traz notícias ávidas do vale, em forma de cantigas, intimidades, desejos e orações. O poeta em pleno século XX, na era espacial, continua recolhido ao silêncio de sua meditação. Cantando o vale afivelado de caminhos, povoado de árvores, sombras, frutos e seiva.

No vale há o tempo da vindima e do amor, do ventre da terra e da mãe, do nascimento e da morte. O vale é infinitamente mais do que a simples paisagem, é a própria condição da existência humana, é o mundo pelo qual o homem se define em si mesmo. A pedra, a planta e o animal não têm um mundo para

poderem manter-se no aberto do existente, onde todas as coisas adquirem uma distância e uma aproximação exata, onde há a queda e o perdão, onde se recebe ou recusa a graça de Deus. "O vale é o lugar da finitude humana em busca da unidade absoluta." Por isso o poeta diz:

Nasce este poema, de joelhos. (p. 41)

Vale é uma palavra-símbolo e como tal nunca esgota o seu conteúdo. Eis uma linguagem essencialmente poética criadora do ser. Não uma linguagem de comunicação imediata, mas evocativa. Poesia difícil porque diz o indizível, porque ainda vê nas coisas a dimensão sagrada. O vale nasce múltiplo e inúmero em todas as direções e sentidos.

No vale existem, de um lado as árvores, a sombra, os frutos e a seiva e, do outro lado, o homem, o cansaço, as ilusões e a esperança. Tudo se mescla e as imagens se interpõem para exprimir a ordem e o caos, o interior e o exterior, o racional e o irracional.

O homem sente-se exausto, "*Bêbado demais do que é matéria, ninguém lhe pede uma rima forte*" (p. 9), sente-se só, mas não desesperado. Com os "*desejos deficientes devorando-o como sempre*", dá-se "*paciência de esperar os frutos.*"

Se de um lado, o "vale é manso" (p. 21), "as árvores pacíficas" (p. 6) e "as calmas uvas se repetem" (p. 28), por outro lado, o homem é um ser por natureza impaciente.

Se de um lado, o vale está povoado de caminhos, por outro lado, no homem a perfeição de viver leva-o a procurar a eterna viagem, a viagem que inicia e termina dentro de cada um.

Se de um lado, algo sempre germina no vale, por outro lado, o "homem que é hereditário" (p. 14) corre o perigo de não ter "ninguém para herdar o seu nome" (p. 42). "A terra dá o seu fruto" (p. 23) e, o poeta "chega sabendo que não poderá criar outro corpo, igual ao seu, outra carne, semelhante à sua" (p. 41). Quanto deslumbramento diante da palavra ventre! Eis a verdadeira tentação do poeta: não herdar um nome. Então, claramente, mas apenas através de *palavras-símbolos* como: ventre, seio, mamas, gravidez. Fala da possível amada, reconhecido que no fim de tudo permanecerá o sonho exangue, pois sua condição é permanecer forte quando fraco, é estar disponível.

*"Como a água a este pão
repartindo-se em caminho."*

(p. 35)

3. O GUARDIÃO DAS VINHAS

De repente, o vale irreversível é o encontro maravilhoso que a vida nos reserva. E o poeta sabe-se no fundo de sua posse como o guardião de um mundo que o viu nascer. As palavras estão à espera de um milagre. Afinal, o poeta é o Guardião das Vinhas. Em 1970, este caderno de poemas revela o cotidiano, a solidão, o tempo e o espaço desdobrados como um merecido repouso. O poeta abre os olhos, é um servidor *aqui e agora*.

Guardião das Vinhas é o livro mais acessível de Bertholdo, embora nesta obra perceba-se nitidamente o amadurecimento do poeta como o pé do lavrador que pisa mais fundo a terra cada dia que passa.

Oscar Bertholdo buscou, nos elementos que compõem o campo, a vida que nasce sem fios, sem asfalto, *a origem*. Na cidade andamos apressados, o tempo se esvai. No campo há o ritual de todas as coisas. No asfalto há apenas o sussuro, as pessoas são certas e de manhã cedo os operários são donos da rua. Na terra, tudo ainda tem forma, ou melhor, tudo está pronto para as mãos humanas. Recebe-se a chuva como um cão, um pássaro, uma nuvem. Então, há vegetação e o poeta instala a festa e nos fala:

*"Mas o jantar me espera com seus anjos
domésticos e cresço em comum
com as estrelas estreitando-se no escuro."*

E continua mais adiante:

*"Aqui ninguém julga a lentidão
de partilhar o rosto junto ao fogo,
a água que sobe do fundo deste poço.
Quem acaba de chegar reside
na dádiva como recompensa
e não como fim."*

Ainda é importante em *Guardião das Vinhas* a evidência dos termos "cansaço" e "solidão", que aparecem nos versos:

*"Vizinho de muitas coisas solitárias"
"a solidão é necessária"*

"a solidão é possível"
 "sou exíguo, sem desejos de ceifar"
 "os anjos protegem o cansaço de ter tanta sede"
 "além de minha aldeia querida, o cansaço não passa,
 em verdade o cansaço não passa."

A paisagem como pano de fundo, importando mais o valor do homem como vitalizador desta paisagem. Na paisagem o transcendental e não o descritivo.

4. A COLHEITA COMUM

A Colheita Comum acontece em 1971 com a evidência da arte de um poeta já amadurecido, cada vez mais senhor de sua palavra. Sua pessoa não pode ser aferida pelos critérios dos pesquisadores de novos processos poéticos, todos eles de características urbanas. Oscar Bertholdo não é um poeta urbano, e tem plena consciência disso. Sua voz vem da terra, dos vinhedos, dos mansos animais de estábulo. Lembra-nos talvez o Virgílio das *Geórgicas*, com suas imagens sumarentas, seu encantamento pela vida rústica e pela fecundidade da natureza.

Bertholdo não é um poeta descritivo, um mero paisagista de aquarela. A paisagem do vale e das vinhas é para ele uma fonte inesgotável de imagens que falam do mundo enorme e profundo do homem. O poeta é obcecado da imagem, de tal forma que elas às vezes parecem catadupa, sem jamais perderem a força e o sabor inato das raízes. Suas imagens e conseqüentemente seus temas mais freqüentes são os que falam das coisas originárias, das fontes da vida: o sulco, a semente, o ventre, o úbere, "*o leite cru nascendo cada manhã.*"

Seus versos são construídos de forma solta, mais voltados para a força visual da imagem que os conduz do que para a sua música. Lembram sulcos de arado, incertos da linha reta, cheios de torrões duros cá e lá. Esse poeta do campo multiforme jamais será capaz do verso conciso e trabalhado das formas industriais (parnasiana). A sua lição é no sentido de que o homem não esqueça as raízes em que foi plantado.

A Colheita Comum revela o estilo inconfundível de Bertholdo, construindo de forma linear e muito à vontade os seus belos e artesanais versos, por exemplo, "*Não se ouve mais, do que o bando das flores colhidas, cirandando os vedados limites...*"

"Só o amor sabe povoar o vale
atarefado onde tudo é rígido
ávido de mãos e de inumeráveis
lendas de viagens tão antigas..."

A *Colheita Comum* é uma cesta fértil de imagens e frutos, onde o poeta revela sua garra em instantes da mais alta poesia, mesclando-se subjetivismo e telúrico.

5. POEMIMPROVISOS

Em 1973 com os surpreendentes *Poemimprovisos* o poeta Oscar obtém o prêmio de Poesia Caixa Econômica Estadual do RS, promovido pelo IEL.

Os *Poemimprovisos* não nasceram com a ambição de inventar um sentido para o mundo mas descobrir dolorosamente esse sentido, com angústia artesanal e nostalgia de partir e não ter chegado.

O primeiro impacto que os *Poemimprovisos* provocam é, sem dúvida, o da linguagem. O poeta, como se viu desde o primeiro instante, reclamava contra a sintaxe de usança.

Bertholdo, e essa é a razão de toda a possível estranheza, mostra-se um poeta que não se envergonha de usar uma multidão de palavras, e de dizê-las em jorro. Poder-se-ia falar da "escrita automática" dos surrealistas, ou do fluxo de consciência ou da aglutinação de fragmentos de leituras e lembranças.

O poema envolve três ciclos com a presença da solidão e da dor, culminando com a morte. O primeiro tempo engloba os seis primeiros improvisos (escritos de um jato na noite de cinco de junho de 1973). Neles é posto em tela o gesto de rompimento da claridade latina, com uma violência que gera a blasfêmia. O segundo tempo compreende os quatro improvisos seguintes, contemplando a solidão e a dor, animal imóvel, dura consequência da audácia de ruptura. No terceiro composto pelos dois últimos improvisos (ambos do dia 22 de julho), o poeta surpreende com uma atitude de conformidade: "*Toda hipocrisia é manancial*", observa ele resignado. O cansaço derrubou o lutador, e ele se apressa a corrigir o que fez, e o que disse: "*Aqui é lícito censurar, está em minhas mãos, o meu livro.*" E se dispõe, embora "cediço", a aceitar o reino assim como ensaiou e a ser um animal social, um razoável animal social...

Os três tempos do poema estabelecem, assim, uma curva dramática, com um final que pode parecer inglório ou sábio, conforme a subjetividade e criatividade de cada leitor.

De qualquer forma o que se conclui é que a aventura do homem termina quando entregue a si mesmo. Rezar, diz o poeta ao final, é a única saída aberta.

É importante observar que toda essa temática, ou problemática está ligada aos padrões culturais da região de imigração italiana. Uma cultura de estatutos rígidos e corroborados por uma minuciosa ética religiosa.

Na medida em que Bertholdo representa um modo de ser da região, introduz uma nova voz no concerto da literatura riograndense, com um grito de liberdade que nasce de sua poética e que é o próprio indivíduo cerceado em sua consciência e, na medida em que se universaliza, representa o grito de todas as consciências oprimidas. O contexto regional dá a ele uma coloração peculiar, um sotaque característico, mas é, em essência, um clamor de todos os tempos e de todos os lugares.

A extrema coerência formal que rege o livro e beleza semântica garantiram a Bertholdo com Poemimproviso o Prêmio do Instituto Nacional do Livro.

6. LUGAR

Em maio de 1975, o poeta Bertholdo, com seu livro *Lugar*, obtém o primeiro prêmio de Poesia do I Concurso Nacional de Literatura de Goiás. O livro premiado contém 21 poemas com 33 versos cada um, dividido em 3 partes, *Lugar* é uma obra amadurecida e nela todos os poemas são seriados. Recebendo esse destaque nacional, a poesia bertholdiana confirmou o que em 1970 o romancista João Mohana afiançara: "Continuo a afirmar - Oscar Bertholdo é um dos nossos maiores poetas contemporâneos". Sem muito alarde, crescendo na lenta busca de uma diction própria, Bertholdo é, hoje, uma das vozes mais legítimas da região colonial italiana do Rio Grande do Sul.

Observa-se na estrutura assimétrica dos poemas uma primeira característica mítica. Neles está presente uma única regra: a continuidade do ilógico. Mas enquanto indica individualidade e racionalidade, assimetria denota coletividade. Assim, mesmo quando os poemas de *Lugar* assumem um sotaque individual, adquirem a natureza de textos quase litúrgicos, isto é, o sentido ou conteúdo que os perpassam desprende-se da forma expressiva. Nada possuem de alegóricos, de representativo ou explicativo. São em si a própria explicação.

A poética de *Lugar* situa-se na linha de fidelidade ao logos, não pretende dizer, mas só mostrar. Ser mostraçao e não demonstraçao.

O lugar da palavra é o poema. A palavra por sua vez, é parte essencial do mito. Assim, o poema é *palavra* e não *língua*. Importa é o jogo de palavras, a arte com que elas são trabalhadas.

Um dos poemas mais lindos e representativos de *Lugar* é *Autofício*. Aparece nele a beleza no ato de poetar. Exalta as mãos por aquilo que elas produzem: nada mais do que palavras.

*"As mãos tratam com a mesma ternura
uma porção de palavras nada mais
que isto:
as palavras."*

Na poesia o verdadeiro lugar do poeta:

*"Vou e venho do poema
toco-o como se faz com um corpo
chegado..."*

A verdadeira perfeição poética é conseguida em "Con(texto)", onde a palavra aparece como metáfora do ser humano:

*"O século, nós somos uma palavra
que não tem sido fácil de ser dita."*

E o poeta seria a expressão daquilo que é essa palavra: "... nós somos operários nascidos com a tarefa igual de resistir." E prossegue dizendo: "Somos pedra e o fundamento." É o homem fazendo a história.

Com *Lugar* o poeta revela um mítico crescimento temático. Já não é o seu mundo, as suas emoções, que importam, mas o nós, o que lhe garante uma universalidade épica:

*"Somos iguais nas mãos
no arado, na esperança
e na colheita infindo
igual edifício desde o início."*

Sintetizando concluímos que: Bertholdo tem uma gramática peculiar, um sentido próprio expressional, sua poética pode ser enigmática, mas não hermética, e só a sensibilidade e o domínio da técnica da palavra dão acesso à sua arte, sui generis.

7. AVE, ÁRVORE E TEMPO DE ASSOALHO

1980 é o ano de publicação de *Ave, árvore e Tempo de assoalho*, um conjunto de poemas de Oscar Bertholdo, que revelam a arte de quem sabe manejar as palavras e o verso sem ter necessidade de, para tanto, arrolar suas proposições em manifestos, muitas vezes longos e inócuos, procedimento característico dos nossos movimentos de vanguarda.

Oscar Bertholdo com *Ave, árvore e Tempo de assoalho* evidencia-se como poeta sintonizado com a problemática de seu tempo, sem se deixar por um engajamento superficial, insere sua poesia num mundo que, apesar de antipoético e caótico, ganha nova dimensão em seus poemas.

*"O jogo das palavras de todos os tempos
são escassas junto às árvores frondosas
desta Babilônia tão onipresente, capaz
de reiventar sob a vinha da paciência
em limites ídolos os selos da ruína."*

No primeiro conjunto de poemas (quarenta ao todo), o poeta procura, no espaço-poesia, estruturar um universo quase mítico: *"o tempo inventário da memória, junto às árvores de tamanha Babilônia."* Também podemos observar que o escritor percorre sua trajetória dividido entre a incredulidade *"as palavras, espatifo-as vazias"* e a certeza de, através da reinvenção, estabelecer um diálogo com o leitor e juntos superarem a esterilidade a que se subjugou o ser humano: Por isso escreve: *"antes do teu rosto, exposto está o chão de pedra das palavras"* e *"Apenas a palavra e o lugarejo lembrado, de perguntas e o ar a beira dos assentos."*

A poética Bertholdiana aproxima-se a de Drummond e Nejar, numa tentativa de romper a nebulosidade do tempo:

*"Tudo o vale me ensinou, imensamente.
E este prolongado inventário
são mais tarde vim a saber
que a única inocência
possível desde o começo do mundo, ave!"*

Em *Ave, árvore e Tempo de assoalho* há um equilíbrio a partir da forma, uma sintaxe mais lógica e o que é muito característico nesta obra é a retomada das imagens regionais - vale, vindima - parreirais, mesclados de imagens bíblicas, retiradas de salmos.

Há uma presença mais evidente da poética através das

metáforas que são mais lógicas e o tema destaca-se em cada poema, revelando a preocupação existencial do homem diante da morte.

Curioso o final da obra porque constatamos um elo de ligação entre o poeta e o homem, vislumbrando uma crença fértil, resvalando, esporadicamente, numa idealidade vazia, pois:

*"faço versos como quem olha
para as horas que o tempo faz e desfaz."*

ou assim:

*"assim como a pele é cântaro de silêncio,
o mistério que embaciamos desperta carrilhões
que os próprios ventos amanhã irão lembrar..."*

Concluindo, podemos afirmar que esta é mais uma das obras Bertholdiana difíceis de interpretar porque a sua gramática é original e a sua semântica exigente. Um escritor de elite, mas que se sente comprometido com a massa popular que é o fio temático de sua arte, centrada no homem do quotidiano de sua vida.

*"...Dor de todos
os desejos o amor..."*

8. INFORMES DE OFÍCIO E OUTRAS NOVIDADES - 1982

Oscar Bertholdo nesta sua última obra mantém intacta a sua ilha lírica, excluindo alguns elementos próprios do ofício de poeta: manuseio fácil e correto da linguagem, elaboração do verso livre e uma visão temática amarga e dramática do homem no contexto universal.

Entre o real e o transcendente, fala-nos Bertholdo dos frutos silvestres, dos vinhedos maduros e do tempo da colheita, afirmando: *"Deus parece estar visível nesta saudade que eu sempre tenho d'Ele."*

Há em Bertholdo a evidência de um profundo senso de valor da palavra, revelando que: *"e os poemas anunciam que as palavras são chaves de abrir as algemas."* Sim: as palavras abrem ao homem o caminho da sua libertação interior e um de seus inevitáveis símbolos é sempre um pássaro: *"... súbita gaivota cheia de graça e magia, o poema brota das profundezas, das mãos em que tudo arde sem disfarce."* Mais adiante, dois

versos lembram a velha ciência infusa com a magia que pode converter frases em provérbios: "*Só a palavra é novidade.*" O poeta não pode mentir.

Oscar Bertholdo apresenta a palavra com poder do real, não aplicando a mentira poética tão comum em nossos dias, e por isso ocupa um lugar de destaque entre os contemporâneos gaúchos. "*É meu contorno o poema.*"

Seria o tempo e o espaço uma preocupação do poeta como pessoa ou seria o engajamento no contexto? Por exemplo: "*O poema é o meu horário!*"

Retoma o início de sua carreira poética, buscando sua primeira obra *Matrícula*, que me parece a sua identificação oficial no mundo literário, afirmando. "*Escrevo incrivelmente, como se o poema fosse a mais estranha matrícula...*"

Indagação, busca, questionamento, angústia interior ou a certeza de uma proposta que é a própria liberação do eu em busca de uma realização como ser? Tudo é possível para quem sabe o que quer, e quer porque sente a necessidade de dar evasão a um talento que deveria ser mais valorizado pelo público leitor gaúcho.

CONCLUSÃO

"Oscar Bertholdo é um poeta original. Quem não gosta das metáforas oscarianas?"

(Mário Quintana)

A respeito das obras de Bertholdo, após uma breve parada para refleti-las, concluímos que: comentar sobre as obras do poeta é afirmar o seu ofício realizado com mãos maduras, olhos sempre prontos, pés na terra, revelando-se em cada momento.

Lendo e relendo Bertholdo, percebemos que deixa transparecer a luta concisa, árdua e constante com a *palavra*, onde exhibe uma plataforma entusiasta, o ufanismo por tudo o que é seu e de sua terra (conteúdo telúrico).

Sabe-se também que é um poeta em constante "viagem", que cria um jeito todo particular, o próprio costume de falar de seus versos, faz de seus versos um *lugar* para a palavra ser menos distraída, não havendo distância entre a palavra e a realidade. É hábil no colóquio das palavras, um operador ciente, um artesão de metáforas que dão corpo à poesia, estabelecendo num limiar de gestos, uma não centralização, um não descomprometido com a poesia.

A poesia de Bertholdo é densa, vigorosa, sóbria, meio nevoenta, não é uma arte oferecida, tem de ser buscada, um conteúdo calcado numa semântica apurada, apresentada em versos livres, soltos e espontâneos (poética contemporânea na sua essência).

Podemos considerar Bertholdo um destaque na poesia contemporânea? Evidentemente, pois o poeta sabe tomar o cotidiano e torná-lo poesia, com igual qualidade à dos poemas complicados que se propõe.

O tema central da poética oscariana é o *vale*, que supõe fertilidade, confinamento, limitação; ali no vale, *a montanha é um desafio*, pois o horizonte fica limitado e se amplia a partir da resposta que o poeta recebe através da metáfora.

A poesia de Oscar Bertholdo não é fácil, precisa ser relida e refletida, não é oral, nela existe uma linguagem caudalosamente metafórica, com uma roupagem de quem se sente responsável.

Destaquei cinco versos da obra *Ave, árvore e Tempo de assoalho* que parecem sintetizar todo um conjunto de obras, cujo fio temático tem segmento em cada uma delas:

"Um homem fica de pé diante deste vale.
E a tarde vinda de remotas cantigas
conhece o sotaque bom de estar aqui.
No âmago do poema salta, ainda,
a certeza de que o vale é uma armadilha."

BIBLIOGRAFIA

1. BOSI, Alfredo. O ler e o tempo na poesia. Cultrix, 1980.
2. DUFRENNE - O poético. Globo, 1981.
3. JORNAL DO BRASIL - março de 1982.
4. JORNAL "O Eco do Vale" - abril 1979.
5. REVISTA Chronos - março 1980.
6. REVISTA Enfoque - junho 1981.
7. REVISTA Vozes- maio 1983.
8. TAVARES, Hênio. Teoria literária. Editora Limitada, 1980.
9. TINIANOV, Yuri. Linguagem Poética.
10. ZILBERMAN, Regina. A literatura no Rio Grande do Sul. Mercado Aberto, 1978.